

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: 06 lebo

Data: 8/3/2000 Pg 7

Class.: 02

Imaginário apocalipse ambiental

GERALDO LUIS LINO

Em artigo publicado no GLOBO, o jornalista Augusto Marzagão expõe suas idéias sobre o que considera um iminente "apocalipse ambiental" (29/2/2000), e deixa claro o propósito último de seu movimento: colocar o meio ambiente no centro da organização da sociedade e da economia, em detrimento do ser humano e suas aspirações ao bem-estar e ao progresso.

Textualmente: "Não basta pensar em políticas sociais, em programas de erradicação da pobreza. A salvação do nosso lar comum, o planeta Terra, está certamente em primeiro lugar, pois de que adiantará distribuir mais eqüitativamente a renda e melhorar a qualidade de vida dos povos se desabar o chão onde pisamos e vivemos?"

Esta visão apocalíptica tem vitimado pessoas bem-intencionadas, que crêem sinceramente que estamos diante do "Armagedon ecológico". Em verdade, existe uma ameaça global, mas ela provém exatamente do campo desprezado por Marzagão: as crescentes desigualdades socioeconômicas, concentradoras das riquezas mundiais nas mãos de uma restrita parcela de privilegiados.

Quanto à suposta crise ambiental, felizmente para a Terra e a Humanidade, ela simplesmente não existe. Existem problemas ambientais, em sua maioria de âmbito local ou regional, que podem e devem ser enfrentados e solucionados com o recurso à ciência, tecnologias mais eficientes, vontade política e, sobretudo, doses planetárias de bom senso.

A maioria das chamadas "emergências ambientais" não tem base científica sólida. O "buraco" na camada de ozônio é conhecido desde a década de 40, quando os produtos químicos aos quais se atribuem hoje a sua ocorrência (CFCs, halons etc.) sequer haviam sido inventados ou eram empregados em larga escala. O aquecimento atmosférico ocorrido desde 1870 é coerente com as oscilações naturais características da evolução geológica da atmosfera.

Mesmo no período de existência da espécie humana, já se registraram temperaturas superiores às atuais, como por volta do ano 1000, quando os vikings batizaram a Groenlândia de "terra verde". Aliás, milhares de experiências científicas demonstram que um aquecimento moderado e uma maior disponibilidade de dióxido de carbono na atmosfera seriam benéficos para a maior parte da vegetação e, por conseguinte, para as colheitas agrícolas, que poderiam expandir-se por áreas atualmente desfavoráveis. Quanto ao degelo da Antártica (o único que afetaria o nível do mar, já que o Ártico é coberto por gelo flutuante), só seria possível com um aquecimento da ordem de dezenas de graus centígrados, inimaginado sequer pelos alarmistas mais extremados.

Em 1992, mais de 500 cientistas de todo o mundo divulgaram a Declaração de Heidelberg, documento entregue aos chefes de Estado presentes à conferência Rio-92, que afirma: "Na alvorada do século 21, nós nos preocupamos com a emergência de uma ideologia irracional, que se opõe ao progresso científico e industrial e bloqueia o desenvolvimento econômico e social... Subscrevemos plenamente os objetivos de uma ecologia científica para um universo cujos recursos sejam avaliados, monitorados e preservados. Porém, exigimos que essas avaliações, monitoramento e preservação se baseiem em critérios científicos e não em preconceitos irracionais..."

Grande parte dos verdadeiros problemas ambientais decorre da falta de desenvolvimento. Três quartos do desmatamento mundial se destinam à obtenção de lenha, o recurso energético mais primitivo usado pelo homem. As queimadas constituem a forma mais rudimentar de preparação de terrenos para a agricultura. A falta de saneamento básico é uma das principais causas de poluição dos cursos d'água nos países subdesenvolvidos. A pior poluição é a da pobreza, diziam com propriedade os delegados brasileiros às primeiras reuniões internacionais sobre meio ambiente, na década de 70. Portanto, o combate à pobreza é o que constitui um desafio de máxima gravidade e urgência, a ser enfrentado com racionalidade e responsabilidade.

GERALDO LUIS LINO é consultor ambiental e diretor do Movimento de Solidariedade Ibero-americana (MSIa).